



PAULINA CHIZIANE E CONCEIÇÃO EVARISTO: ESCRITAS DE RESISTÊNCIA

Rosalia Estelita Diogo

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua auto-inscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação.¹

A condição de mulher-negra-professora instiga-me para a busca de pesquisas que possam corroborar com reflexões cotidianas sobre relações de gênero e raça no Brasil e no mundo. Pretendo apresentar, por meio desse artigo, uma reflexão sobre a produção de duas escritoras negras, a brasileira Conceição Evaristo, do Brasil, por meio do poema “A Noite Não Adormece Nos Olhos Das Mulheres” e do artigo “Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo” de Paulina Chiziane, de Moçambique. Parto do entendimento de que encontramos, de maneira contundente, na obra das duas escritoras negras, as marcas do feminino, bem como a presença da crítica social às relações de poder e dominação.

Segundo Houaiss (2009)² insubordinação é a característica do que é insubordinado; falta de subordinação; desobediência. Ato de se levantar, de se insurgir contra a autoridade ou ordem estabelecida; revolta, rebelião.

Entendo que a literatura das escritoras assume a insubordinação como posição ideológica por encenar, literariamente, a dominação masculina e situações de exclusão racial. Sendo assim, aproprio-me do termo “insubordinação”, utilizado por Conceição Evaristo que consta na epígrafe desse artigo.

Penso ser crucial enveredar sobre os conceitos e tensões que envolvem as relações de gênero no Brasil e em Moçambique. No caso brasileiro, embora seja bastante familiar para o movimento de mulheres negras, estudiosos e especialistas que tratam dessa questão, tanto na sociedade civil quanto no âmbito das políticas públicas, o termo gênero é relativamente novo para a maioria das pessoas. Foi só a partir da década de 1980 que os trabalhos acadêmicos passaram a abordar esta questão de forma sistematizada, e, para tanto, contou com as contribuições de diferentes áreas do conhecimento humano e também do próprio movimento feminista.

¹ EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). Representações performáticas brasileiras. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

² HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 3 ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.



O termo gênero foi elaborado para indicar os fenômenos catalogados de acordo com concepções do “masculino” e “feminino”, o que indica a aceitação, por parte de algumas pesquisadoras, da pressuposta existência de dados biológicos reais que promovem a diferença entre homens e mulheres. Por essa perspectiva é possível perceber que certos aspectos da base biológica relacionados a natureza da mulher, que outrora eram suprimidos, quando usava-se a denominação “sexo”, agora podem ser erigidos, permitindo que se tenham reflexões específicas.

Com Nicholson (2000)³ é possível refletir sobre a necessidade de que, para além da identidade de gênero, possamos elencar outros componentes socioculturais para podem serem analisados nos textos de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, como por exemplo, as questões de raça e classe.

Como referência a essas proposições de Nicholson, encontro em “A Noite Não Adormece Nos Olhos Das Mulheres” e “Eu mulher...Por uma nova visão do mundo” escritas que me leva ao pressuposto de que sexismo e racismo são sistemas interrelacionais que se sustentam um ao outro. No poema de Conceição Evaristo percebemos a alusão feita ao processo de continuidade da luta, que é ancestral, por melhores condições para mulheres negras: “ um fio invisível e tônico pacientemente cose a rede de nossa milenar resistência” (EVARISTO, 2008, p.21). E ainda, corroborando com meu entendimento de uma insubordinação, nota-se a utilização do verbo “adormece” nas três primeiras estrofes, já na última estrofe lê-se o verso

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas (EVARISTO, 2008, p.21).

Em seu artigo, Paulina Chiziane afirma que busca uma forma pela qual em um breve espaço de tempo as mulheres conquistem ampla compreensão e liberdade.

Para os estudos acerca das questões diáspóricas que nos permitem aliar a escrita das duas escritoras encontramos auxílio em Bhabha,

Se em nossa teoria itinerante, estamos conscientes da metafóricidade dos povos de comunidades imaginadas – migrantes ou metropolitanos – então veremos que o espaço do povo-nação moderno nunca me simplesmente horizontal. Seu movimento metafórico requer um tipo de “duplicidade” de escrita, uma temporalidade de representação que se move entre formações culturais e processos sociais sem uma lógica causal centrada. E tais movimentos culturais dispersam o tempo homogêneo, visual, da sociedade horizontal. A linguagem secular da interpretação necessita então ir além da presença do olhar crítico horizontal se formos atribuir autoridade narrativa adequada à “energia não-sequencial proveniente da memória histórica vivenciada e da subjetividade”. Precisamos de um outro tempo de escrita que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência “moderna” da nação ocidental.⁴

³ NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Revista estudos feministas*, vol.8, n. 2, 2000. p.9 – 41.

⁴ HOMI, Bhabha K. O local da cultura. Belo Horizonte:UFMG. 1998.



Penso que é possível considerar as escritas/vivências das duas escritoras no lugar de interseção e ainda, que essas escritas inserem-se no cerne da memória histórica delas, passando para o campo da subjetividade. Cada uma, ao seu modo propicia ao leitor compreender os embates que permeiam as relações raciais e sociais imbricadas nas sociedades em que vivem.

O fato de as duas escritoras serem de espaços culturais e os contextos sócio-históricos diferentes não exime-nos de repensar a condição feminina considerando as especificidades e subjetividades de cada uma delas. Em ambos os textos é possível perceber o conflito vivido pelos sujeitos femininos ao lidarem com as suas condições de mulher. No poema de Conceição Evaristo por exemplo, lê-se que há sofrimento na existência feminina, mas esse sofrimento ao mesmo tempo impulsiona a insubordinação e resistência “ A noite não adormece nos olhos das mulheres, há mais olhos que sono onde lágrimas suspensas virgulam o lapso das nossas molhadas lembranças”. (EVARISTO, 2008, p.21). Por outro lado, Paulina Chiziane em seu artigo aponta que “Nós, mulheres, somos oprimidas pela condição humana do nosso sexo, pelo meio social, pelas idéias fatalistas que regem as áreas mais conservadoras da sociedade”. (CHIZIANE, 1994, p. 13). Não obstante, o empenho da escritora é pela busca da emancipação feminina.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, em 1946, numa favela no alto da Avenida Afonso Pena. Formou-se professora no antigo curso Normal, em 1971, e depois mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em um concurso municipal para magistério e, posteriormente, no curso de Letras na Universidade Federal daquele Estado. Na década de noventa, Evaristo ingressa no curso de Mestrado em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, defendendo, em 1996, a dissertação intitulada **Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Atualmente desenvolve pesquisa de Doutorado na Universidade Federal Fluminense cuja temática são as relações entre a literatura afro-brasileira e as literaturas africanas de Língua Portuguesa. A autora publica poemas e contos na coletânea **Cadernos Negros**⁵ desde 1990, e é chamada para palestras e congressos em todo o Brasil e no exterior, nos quais aborda as questões de gênero e etnia na literatura brasileira.

O poema analisado remete-nos à reflexões acerca da feminilidade, e resistência ancestral:

A Noite Não Adormece Nos Olhos Das Mulheres

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres,

⁵ **Cadernos Negros** é uma publicação do Grupo Quilombhoje, formado por escritores afro-descendentes que vem a público anualmente desde 1978. Cf. **Quilombhoje**. Disponível em [www. Quilombhoje.com.br](http://www.Quilombhoje.com.br) Acesso em 28 de junho de 2010.



A lua fêmea, semelhante nossa,
Em vigília atenta vigia
A nossa memória.

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres,
Há mais olhos que sono
Onde lágrimas suspensas
Virgulam o lapso
De nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
Nos olhos das mulheres,
Vaginas abertas
Retêm e expulsam a vida
Donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
E outras meninas luas
Afastam delas e de nós
Os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.⁶

Chama a atenção no poema analisado a forma pela qual o eu-lírico anuncia a vigília de corpos femininos em relação ao cotidiano marcado pelos processos de subalternização e exclusão das mulheres negras. As lembranças fazem com que a resistência incida de maneira sistemática nesse processo de insurgência.

O poema de Conceição Evaristo instiga a pensar acerca da condição da mulher de maneira lírica, mas não menos crítica. “A noite não adormece nos olhos das mulheres, vaginas abertas retêm e expulsam vida” (EVARISTO, 2008, p.21) é uma metáfora que remete ao entendimento de poder feminino de conceber ou não vidas ou seja, semear possibilidades de existência humana e conseqüentemente da vitalidade que move as sociedades planetárias. É essa compreensão, aliada ao fato de a escritora falar do lugar de mulher negra, que fortalece a importância da sua escrita em uma sociedade machista e racista, como é o caso da brasileira. A escritora continua a instigar-me na direção desses pensamentos ao escrever que “A noite não adormece nos olhos das mulheres há mais olhos que sono’. Podemos perceber nesse verso o quão é marcada a insubordinação e

⁶ EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, (coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 1), 2008. p.21.



resistência nessa escrita de um sujeito negro ao demarcar a vigília de sujeitos femininos na sociedade que insiste em excluí-las.

Acredito que a poética de Evaristo move a identificação “mulher” em direção a múltiplos locais de redefinição contextual e cria um espaço de resistência para a reorientação das diversas subjetividades e das vozes de sujeitos femininos marginalizados e oprimidos pelos mecanismos de poder patriarcal e racista presentes nas sociedades brasileira e Moçambicana

Paulina Chiziane nasceu em 1944, em Manjacaze, província de Gaza, sul de Moçambique. Escreveu alguns contos e estreou no romance com a obra **Balada de amor ao vento** (1990). Publicou ainda **Ventos do Apocalipse** (1995), **O Sétimo Juramento** (1999), **Niketche: uma história de poligamia** (2004, e recentemente, **O alegre canto da perdiz** (2008). Foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Dessa forma, a escritora desafiou e desafia críticas e resistências sociais e culturais no seu país, no continente africano e, porque não, no mundo.

No artigo “ Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo a escritora propõe que a sua maior realização “virá no dia em que conseguirmos lançar na terra fértil a semente da coragem e da vontade de vencer nos corações das mulheres que pertencem à geração do sofrimento” (CHIZIANE, 1994, p. 13). A autora aponta para a necessidade de que, progressivamente, a mulher se transforme num elemento ativo sem o qual toda a política de desenvolvimento permanecerá inviável. Em outra passagem a escritora sinaliza que, apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, “encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo” (CHIZIANE, 1994, 14). São incursões na escrita de Chiziane que denotam, desde há muito, o seu compromisso em construir espaços de discussão sobre o lugar da mulher em Moçambique com vistas a que esse lugar permita uma condição libertária.

A escritora compara a mulher à terra na medida que são alimentos para a vida, o calor e a existência humana. Afirma que as mulheres são oprimidas pela condição humana do sexo, mas que essa condição que a impulsionam a encontrar força para alterar essa situação de opressão. Para ela o seu trabalho de escrita e outras iniciativas no campo social encorajam outras mulheres e também homens, em prol da construção de um mundo melhor.

Paulina Chiziane descreve ainda os rituais moçambicanos que marcam a dimensão da importância do corpo feminino para aquela sociedade, como por exemplo o “mbelele”, praticado pelo povo tsonga. Quando a comunidade é afetada por uma grande seca, os homens castigam as mulheres, mas reconhecendo a fertilidade delas, são obrigadas a correrem nuas debaixo do sol abrasante, purificando a terra, cantando para que as nuvens as escutem. No entendimento dessa



comunidade só a nudez da mulher é capaz de quebrar o silêncio dos deuses e das nuvens, na medida em que ela é a mãe do universo. A escritora acredita que a sua escrita sobre a condição feminina e a condição sócio-histórica da sociedade moçambicana contribui para o processo emancipatório das pessoas, sobretudo das mulheres.

Sobre o conjunto da escrita de Chiziane ancoro ainda em Mata (2006), para quem,

Desde o seu primeiro romance, **Balada de amor ao vento**, que a autora vem desvelando a responsabilidade da mulher no estado de sua condição. Neste contexto, a obra de Paulina Chiziane atualiza um discurso que inclui o questionamento e a denúncia, dando voz e criando espaço de reflexão ao sujeito que é “silenciado”, tendo como intuito apelar à mulher moçambicana para uma mudança consciencializada. Esta estratégia, que começa a ser formatada em **Ventos do Apocalipse**, adquire dimensão actancial em **O Sétimo juramento**, quando as mulheres (mulher, amante e mãe de David) se aliam para se salvarem e à família; ou pelas mulheres de Tony, em Niketche, que apanhadas na voragem de uma relação poligâmica feita à medida do polígamo, o obrigam a respeitar a instituição. Para tal, há recorrência à diversidade do legado cultural moçambicano, actualizado em fórmulas, rituais, hábitos, gestos, comportamentos. Por este esquema se elabora um percurso pelas diferenças, semelhanças, desejos, sentimentos e aspirações de diferentes mulheres moçambicanas, nos diferentes âmbitos de intervenção quotidiana, como em Niketche, romance feito de polarizações (Mata, 2006, p. 437-438 – grifos da autora)⁷

Paulina Chiziane inaugura a publicação do romance de autoria feminina em Moçambique, ocupando, na atualidade, um lugar desconfortável, que é o de escritora em uma sociedade que insiste em manter um distanciamento entre o lugar que compete à mulher e ao homem. A escritora utiliza-se da encenação literária para falar sobre as relações históricas e sociológicas estabelecidas que permeiam a sociedade moçambicana. É essa posição ideológica da escritora que me impulsiona a tentar compreender melhor o lugar ocupado pela mulher em sua cultura.

E é a própria escritora que parece justificar a minha recolha do seu processo de escrita que é marcado pelo embate com as formas estruturais de opressão em relação à mulher em seu país,

Olhei para mim e para outras mulheres. .Percorri a trajetória do nosso ser, procurando o erro da nossa existência. Não encontrei nenhum. Reencontrei na escrita o preenchimento do vazio e incompreensão que se erguia à minha volta. A condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema. Coloquei no papel as aspirações da mulher no campo afectivo para que o mundo as veja, as conheça e reflita sobre elas.⁸

Nota-se que a escritora moçambicana, assim como Conceição Evaristo, tomam para si a necessidade de engajamento em prol da mulher como possibilidade de embate, de resistência e insubordinação, sem perder de vista a ternura que caracteriza o ser feminino em proporção

⁷ MATA, Inocência. Paulina Chiziane: **Mulheres de África no espaço da escrita**: a inscrição da mulher na sua diferença. In: PADILHA, Laura Cavalcante; MATA, Inocência (Org.) . A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri: Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2006, p. 421-440.

⁸ CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Coord.). **Eu, mulher em Moçambique**. República de Moçambique: Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos: 1994. p. 16.



sobejamente reconhecida, no que se refere ao ser masculino, permitindo-nos reflexões acerca de gênero nos termos que apresentamos acima.

Penso que a encenação literária e a escrita sociológica de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, nos textos em estudos, representam a vida de pessoas que não têm, costumeiramente, a oportunidade de expressarem a sua vivência. Sobretudo as mulheres negras, tal como proposto nesse artigo. Assim como narra Paulina Chiziane em seu artigo -“ Se as próprias mulheres não gritam quando algo lhes dá amargura da forma como pensam e sentem, ninguém mais o fará da forma como elas desejam” (CHIZIANE, 1994, p.16).

No artigo de Paulina Chiziane analisado a escritora afirma que a literatura permitiu-lhe o preenchimento do vazio que sentia e a incompreensão em relação à vários pontos da existência humana. Segundo ela “a condição social da mulher inspirou-me e tornou-se meu tema.” (CHIZIANE, 1994, p.15).

Dessa forma, acredito (primeira pessoa) que as escritas dessas duas mulheres negras interrelacionadas por meio da diáspora africana, permite-nos uma leitura profícua acerca dos embates relacionados à questão de gênero no Brasil e na África. Como diz Conceição Evaristo ao definir a sua criação do termo “escrivência” que segundo ela é: escrever a existência”. Ou ainda, o que move Paulina Chiziane “ afasto pouco a pouco os obstáculos que me cercam e construo um novo caminho na esperança de que, num futuro não muito distante, as mulheres conquistarão maior compreensão e liberdade”. (CHIZIANE, 1994, P.17).

São essas mulheres, com as suas escritas, imbricadas pelas questões de gênero e raça que me propõem severas reflexões. São os seus posicionamentos ideológicos de resistência que têm motivado-me fortemente a continuar acreditando na possibilidade de, por meio de atitudes insubordinadas, é possível vislumbrar lugares/existências mais confortáveis para mulheres negras.

Referências bibliográficas

- CHIZIANE, Paulina. **Balada de amor ao vento**. Lisboa : Editorial Caminho, 2ª Ed., 2007.
- CHIZIANE, Paulina. Eu, mulher... Por uma nova visão do mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Coord.). **Eu, mulher em Moçambique**. República de Moçambique: Comissão Nacional para a UNESCO em Moçambique e Associação dos Escritores Moçambicanos: 1994.
- CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: uma história de poligamia. Lisboa: Editorial Caminho, 3ª Ed., 2004.
- CHIZIANE, Paulina. **O sétimo juramento**. Lisboa: Editorial Caminho, 2ª Ed., 2000
- CHIZIANE, Paulina. **Ventos do Apocalipse**. Lisboa : Editorial Caminho, 2ª Ed.,2006.
- CHIZIANE, Paulina.**O alegre canto da perdiz**. Lisboa : Editorial Caminho, 2ª Ed., 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.



- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra**: uma poética de nossa afro-brasilidade. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. 1996.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, (coleção Vozes da Diáspora Negra, Volume 1), 2008.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In.: RUFFATO, Luiz.(org.). **Questão de pele**. Contos sobre preconceito racial. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009. p. 19-37.
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza, 2007.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Embates na cena literária: a arte de resistir à exclusão. In.: TORNQUIST, Carmem Susana. (et al.) (org.). **Leituras de resistência: corpo, violência e poder**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009. p. 293-313.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza/PUC-MG, 2002.
- GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: modernidade e dupla consciência; tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes. 2001.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; 2003.